



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

TERRITÓRIOS DA NEGRITUDE O NEGRO E A URBANIZAÇÃO NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DO BAIRRO DA TERRA FIRME EM BELÉM-PA

AMANDA LORENA DE ALMEIDA FERREIRA¹

ANA CLARA DE AZEVEDO FONSECA MACEDO²

“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento.

Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem”.

Bertolt Brecht

Resumo: Neste artigo propomos um estudo de caso do bairro da Terra Firme, periferia de Belém do Pará, relacionando as suas características de baixada com o processo de urbanização segregacionista sob uma ótica materialista. Problemas de natureza socioeconômica e estrutural são provocados por essa informalidade habitacional analisados dentro da sociedade de classes, a qual potencializa historicamente o desigual direito à cidade experienciada pelo negro. Por meio de referenciais teóricos, dados censitários e entrevistas, buscamos compreender a predominante ocupação do negro no bairro e a dinâmica de protagonismo destes moradores, inseridos nos movimentos de resistência na comunidade. Nesse sentido, considerando a construção da cidade enquanto reflexo das relações humanas, este trabalho discute o processo de urbanização sob a perspectiva do negro.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanismo. Belém. Periferia. Negro.

INTRODUÇÃO

A história da cidade de Belém teve períodos de crescimento e recessão econômica que foram acompanhados pela evolução urbanística da cidade, investimentos em infraestrutura privilegiaram as regiões centrais direcionando a população de baixa renda para as periferias, caracterizadas por serem áreas ambientalmente frágeis e desvalorizadas pelo mercado imobiliário. Estas áreas precárias ocupadas desordenadamente enfrentam problemas de infraestrutura física e social por conta da

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Pará (FAU – UFPA) E-mail: amandaallmeida@live.com

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Pará (FAU – UFPA) E-mail: fonsecanaclara@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

informalidade habitacional e da ausência do Estado, essa dinâmica de segregação é padrão na ocupação de assentamentos precários no Brasil (MARICATO, 2000).

Nessa perspectiva, essa dinâmica é segregacionista socialmente e racialmente: a ONU reconhece que a “pobreza tem cor no Brasil”. Somadas aos interesses de classe, a dimensão cultural e a luta pelo reconhecimento racial acrescentariam um conteúdo significativo na capacidade de resistência dos habitantes da periferia.

A terra firme está inserida na realidade periférica de Belém, com falta de atendimento às necessidades básicas a um contingente massivo de habitantes, predominantemente negro, de acordo com o censo de 2010 do IBGE, 75,14% dos moradores do bairro se autodeclararam pretos ou pardos.

Logo, torna-se interessante identificar e analisar, dentro do método histórico-dialético, como se deu a ocupação do bairro e quais as condições que esses moradores estão submetidos, dada a ineficiência das políticas públicas e serviços básicos precários ou inexistentes. Dessa forma, os movimentos atuam no bairro buscando transformação e exigindo do poder público o mínimo de condições dignas. As análises desenvolvidas basearam-se em análises de dados censitários e do levantamento de referências bibliográficas acerca o processo de formação espacial e social da cidade de Belém e do bairro da Terra Firme. Utilizando-se de entrevistas com moradores atuantes nos movimentos da comunidade que visam mudanças na dinâmica social e o contínuo processo de construção da identidade do bairro.

1. HISTÓRICO DA URBANIZAÇÃO DE BELÉM (PA) E A FORMAÇÃO DE PERIFERIAS NAS BAIXADAS

A ocupação de Belém foi desafiadora desde a sua fundação devido, sobretudo, às particularidades hidrográficas presentes no território, onde somente a partir de intervenções nos corpos hídricos da cidade foi possível maior apropriação do espaço. Historicamente, a presença de estrangeiros no território amazônico representava uma



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

ameaça à corte portuguesa, que para proteção da região e ponto de partida para conquista de território se firmou na confluência da Baía de Guajará com o Rio Guamá. Em 1616, a capital paraense foi fundada na entrada da bacia amazônica e se desenvolveu lentamente pela cota mais alta do terreno. A localização favoreceu a atividade portuária, servindo de entreposto comercial e centralizando uma rede entre as outras cidades e vilarejos, consolidando Belém como cidade devido ao fácil escoamento da sua produção de “drogas do sertão” para exportação.

No século XVIII, houve integração da região amazônica no mercado internacional que tornou possível melhorias na infraestrutura básica de Belém, reformas urbanas que permitiram o processo de interiorização da cidade, como foi o aterro do alagado do Piri. Moreira (1966) descreve que o crescimento da malha urbana de Belém foi descontínuo devido às características geográficas da cidade, e essa expansão só foi possível suprimindo essas áreas através de aterros e nivelamentos. Com a queda na demanda de produtos regionais no mercado europeu, houve uma estagnação econômica que só foi superada com a instalação do ciclo da borracha (CORRÊA, 1987).

O êxito do extrativismo do látex promoveu o revigoramento econômico local, refletindo na adoção da referência cultural pela classe enriquecida pela exploração da borracha. Nesse sentido, as metrópoles amazônicas são influenciadas pelos padrões urbanísticos e arquitetônicos europeus, verificados nas novas tipologias residenciais e no núcleo urbano estruturado. Belém, enquanto centro político e comercial da Amazônia brasileira desde o século XVII (DERENJI, 2008), experienciou as diversas transformações do cenário urbano, reformulando gradativamente o modo de morar da população, sobretudo, no período da intendência de Antônio José de Lemos (1897 – 1912).

Cruz (1973, p.414) comenta que “Como Intendente Municipal de Belém [Lemos], não poupou dinheiro nem talento para transformar a Belém na cidade mais bonita do norte”, houve um grande progresso urbanístico, o processo de embelezamento da



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

cidade foi iniciado pelas condições sanitárias, abertura e alargamento de ruas e travessas, arborização em extensos trechos urbanos, inclusive com mangueiras que atualmente são símbolo da capital, criação de parques e praças no meio urbano, serviços de iluminação e limpeza pública e mudanças nos padrões de arquitetura.



Figura 1 – Planta da cidade de Belém com a primeira légua patrimonial demarcada. Disponível em: <memoriaisdameiadoisnove.blogspot.com.br>. Acesso em 25/09/2017.

O eixo central da cidade foi privilegiado e reformulado com a comercialização e ocupação de terras por instituições públicas e pela população de maior poder aquisitivo. O plano de expansão desenhado pelo engenheiro Nina Ribeiro atuou no núcleo histórico com vias perpendiculares e quadras regulares sem considerar o relevo.

Entretanto, a primeira década do século XX foi marcada pela derrocada da economia gomífera em função da desvalorização da borracha brasileira nos mercados



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

internacionais pela concorrência asiática. Com o cenário econômico adverso e o enfraquecimento da expressividade política na configuração do espaço urbano, intensifica a necessidade por políticas renovadoras efetivas na rede urbana, a qual foi marcada pelo aumento populacional, resultado do êxodo proveniente dos seringais.

Nas décadas seguintes, o governo iniciou uma campanha governamental com o plano ideológico de integração nacional, incentivando a migração para a Amazônia para a ocupação de vazios demográficos, atraindo pessoas de várias regiões do Brasil, principalmente os atingidos pela “seca” e pelos conflitos de terra do Nordeste. Posteriormente, os fluxos migratórios se concentraram para as capitais da Amazônia, com a desigualdade acompanhando o desenvolvimento.

Todo esse processo migratório resultou num contingente populacional excedente nas áreas urbanas, essa nova população belenense era caracterizada pelo baixo poder aquisitivo que não detinha condições econômicas para moradia em áreas saneadas e com infraestrutura básica, ocupadas por famílias abastadas, então se destinava a territórios periféricos urbanos: áreas mais baixas, de várzeas, ambientalmente sensíveis e economicamente depreciadas que somada a condições mínimas de infraestrutura, ou ausência total dela, resultam em um ambiente precário.

Nesse sentido, tais características desfavoráveis de ocupação ainda pareciam vantagem para essa população, visto que eram desvalorizadas pelo mercado formal, com lotes mais baratos ou totalmente sem custo, ainda se localizavam relativamente próximo ao principal núcleo da cidade (PENTEADO, 1968). Uma alternativa de moradia para uma parcela da população que aliada a necessidade de morar, sujeitava-se a enfrentar problemas de risco para se beneficiar de acesso mais próximo de sua moradia de serviços, equipamentos públicos e trabalho. Essa dinâmica é uma tendência brasileira no padrão de ocupação de assentamentos precários, a partir da qual a população pobre estaria ligada, geralmente a aglomerados subnormais (MARICATO, 2000).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

2. A URBANIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO NEGRO

Os rumos da humanidade convencionalmente são narrados a partir da visão eurocêntrica, em detrimento das vozes dos papéis subalternos nos processos históricos.

Segundo Nilma Bentes³, o “descobrimento” do Brasil, por exemplo, falseia o caráter violentamente invasor da chegada dos europeus no Novo Mundo, ensejando a problemática acerca da história mundial do capitalismo. Nessa perspectiva, a trajetória do negro no Brasil, desde os tempos remotos aos atuais, é marcada pela secular escravização da sua força de trabalho e pela segregação étnico-racial nas cidades.

O território amazônico, destacável pelos abundantes recursos naturais, foi alvo da espoliação estrangeira desde o processo colonizador, que durante as primeiras investidas exploratórias adotou a mão de obra indígena nativa, sendo esta posteriormente substituída pela larga escravização de africanos. Dessa forma, a chegada do negro na Amazônia foi assinalada pela exploração e comercialização de sua força de trabalho, sujeitando-o à margem da sociedade, que, por sua vez, não o integrou na transição para o trabalho livre com assistências e garantias (FERNANDES, 1964, p.29).

Nesse sentido, os efeitos perversos da colonização refletem na condição do negro até hoje dentro do cenário urbano brasileiro, bem como os decorrentes fatos históricos, os quais dimensionaram o abismo social evidenciado na configuração dos espaços da cidade. Para Milton Santos, tendo em vista as relações de poder, a urbanização e a pobreza são fenômenos profundamente conectados, sobretudo nos países do terceiro mundo inseridos no contexto da globalização ou “globalitarismo”⁴. Pela ótica

³ Nilma Bentes é antropóloga e ativista do movimento negro, uma das fundadoras do CEDENPA- Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará.

⁴ Termo criado pelo geógrafo Milton Santos numa clara referência ao fenômeno da globalização, o qual, segundo a teoria miltoniana, tem como base a tirania do dinheiro e da informação como ferramentas de poder e massificação.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

histórico-dialética, a capacidade do homem de transformar os espaços através da produção aponta que a acumulação de capital inerente à construção das cidades tem, portanto, intrínseca ligação com a luta de classes (HARVEY, 2014). Ermínia Maricato analisa:

As reformas urbanas, realizadas em diversas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, lançaram as bases de um urbanismo moderno "à moda" da periferia. Eram feitas obras de saneamento básico e embelezamento paisagístico, implantavam-se as bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista, ao mesmo tempo em que a população excluída desse processo era expulsa para os morros e as franjas da cidade. Manaus, Belém, Porto Alegre, Curitiba, Santos, Recife, São Paulo e especialmente o Rio de Janeiro são cidades que passaram, nesse período, por mudanças que conjugaram saneamento ambiental, embelezamento e segregação territorial. (MARICATO, 2000).

Seguindo essa lógica, os contornos dessa dinâmica estão presentes na inter-relação no território nacional, com destaque à região amazônica, *locus* de estudo do presente artigo. Nesse sentido, tem-se que, geograficamente, a Amazônia brasileira ocupa 2/3 desta extensão do território nacional. Entretanto, a grandiosidade física e natural da floresta, o que a tornou o "sonho americano" (GALEANO, 1970, pg. 50), contrasta com a inanição histórica da região no cenário político do país. O eixo sul-sudeste concentra o poder político-econômico e impõe sua influência sobrepujante a outros estados, sobretudo os que são enfraquecidos politicamente. Nessa perspectiva, na periferia da periferia, a realidade do negro na Amazônia é permeada pela desigual correlação de forças geopolíticas.

No bojo da configuração de Belém, a formação sócio-espacial (SANTOS, 1977), a qual traduz espacialmente as desigualdades inerentes ao tardio processo capitalista regional, é assinalada pela concentração de serviços elementares, os quais não alcançam com eficiência os arrabaldes da cidade. Destituído de infraestrutura básica e estigmatizado pela violência, o bairro da Terra Firme compõe o painel das áreas periféricas desassistidas pelo poder público, em que o negro é, historicamente, alvo dos efeitos da configuração desigual dos espaços.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

“A urbanização sempre foi, portanto, algum tipo de fenômeno de classe, uma vez que os excedentes são extraídos de algum lugar ou de alguém, enquanto o controle sobre o uso desse lucro acumulado costuma permanecer nas mãos de poucos” (HARVEY, 2014, p. 30)

3. O BAIRRO DA TERRA FIRME

O bairro da Terra Firme se localiza numa área de baixada da cidade, na Bacia do Tucunduba, terceira maior bacia hidrográfica de Belém, e tem grande parte do bairro na mancha de alagamento do principal corpo hídrico da bacia, o rio Tucunduba. Segundo Couto (2010), o bairro tem características de favela, ocupado por uma população de baixa renda alocada num sítio predominantemente alagável, tem aspecto caótico resultado do crescimento espontâneo e desordenado.

O nome Terra Firme é atribuído à ocupação inicial em uma faixa estreita de terra considerada terra firme, que não foi suficiente dado o intenso fluxo populacional, levando à ocupação também dos terrenos alagados ou alagáveis do seu entorno. No ano de 1976, a prefeitura alterou o nome do bairro para Montese, em referência aos soldados brasileiros que participaram da batalha francesa de Montese, na 2ª Guerra Mundial. Entretanto, os habitantes do bairro ainda não reconhecem esse nome:

Os moradores do bairro se recusam a usar o novo nome e reivindicam a permanência do nome Terra Firme. Muito justo, visto que foram eles que ocuparam as terras e têm sua história para contar. O nome Terra Firme diz respeito à história do bairro, à vivência de seus moradores, à memória afetiva deles com o lugar. (PEREGRINO, 2014).

O bairro tem uma ocupação recente, Penteadó (1968, p.334) descreve o bairro *em 1950*, como sendo escondido entre as mangueiras e palmeiras, com edificações em tábuas sobre baixas estacas, coberto com folhas e palmeiras, o bairro modesto e não estruturado, habitado por uma população humilde. Segundo o autor, o bairro apresentava apenas a principal rua pavimentada, pela qual se chegaria à cidade universitária de Belém que viria ser construída. Na década de 1950, seus residentes



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

correspondiam a apenas 1,16% dos habitantes de Belém e a densidade por hectare era uma das mais baixas da cidade, de 39,7 hab./ha. O autor ainda afirma que o bairro tinha um caráter provisório, com tendência a desaparecer devido à construção da cidade universitária.

É muito provável que, com a construção da cidade universitária do Pará, o bairro da Terra Firme venha a desaparecer ou, pelo menos, sofrer sérias limitações no seu crescimento; se assim for, poderá surgir o grave problema do deslocamento de milhares de pessoas para outros bairros de Belém, fato único na vida da capital paraense e de consequências imprevisíveis, pelo menos, no momento atual. (PENTEADO, 1968, p.336)

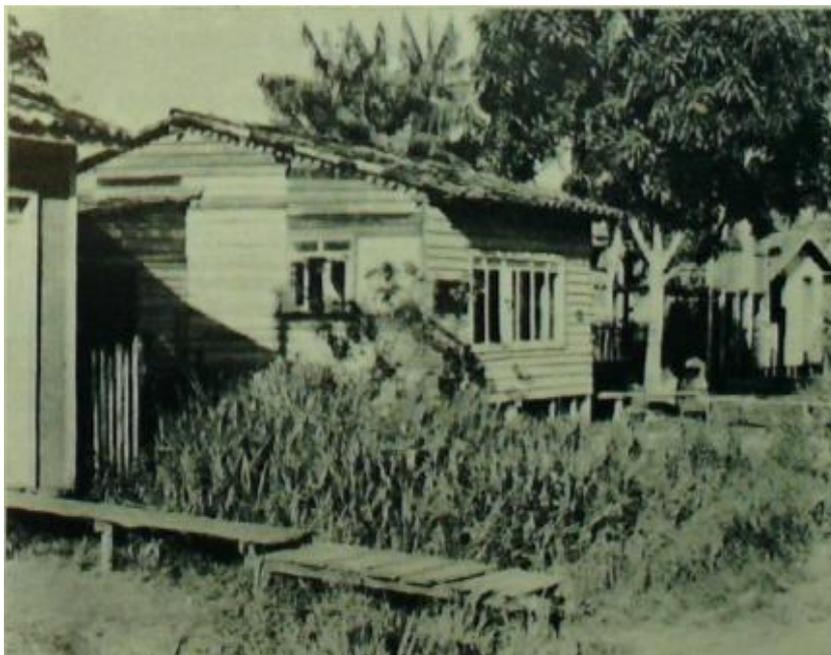


Figura 2 – Casas e passarelas de madeira características do Bairro da Terra Firme na década de 50.
Fonte: PENTEADO, 1968, p. 334.

Com base nas perspectivas do futuro do bairro de Penteado (1968) é possível compreender a dinâmica da ocupação da cidade, em vez do desaparecimento do bairro da Terra Firme, ocorreu o crescimento exacerbado, produto do fenômeno de inchamento e a consequente criação dos “bolsões” de pobreza. A partir das décadas de 70 e 80 verificou-se o processo de adensamento populacional no bairro, como



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

resultado da ocupação de migrantes influenciados pelas políticas de integração governamental e pela valorização do solo no centro da cidade, expulsando famílias que lá residiam para essas áreas desvalorizadas pelo mercado imobiliário.

Durante a década de 90, a concentração demográfica se intensificou no bairro, acompanhada pela ausência de políticas públicas de caráter estruturante que são elementos que nos ajudam a compreender os problemas sociais, econômicos e de infraestrutura atuais do local.

Atualmente, a Terra Firme é um dos bairros mais populosos de Belém, com mais de 64 mil habitantes (IBGE, 2010), *com grande presença* de habitantes oriundos do interior do estado e de outros estados, massivamente do Maranhão, que mesmo sendo área de baixada atraiu imigrantes devido a sua localização na primeira légua patrimonial. (COUTO, 2010 apud RODRIGUES, 1996, p. 244.).

4. OCUPAÇÃO NEGRA NO BAIRRO DA TERRA FIRME

Relegado aos assentamentos precarizados, o contingente de trabalhadores de baixa renda é expulso do centro da cidade, marcado pelo mercado imobiliário e a valorização do solo e, conseqüentemente, pelo alto custo de vida e serviços. Segundo o censo de 2010 do IBGE, do total de 61.439 pessoas residentes do bairro da Terra Firme, 75,14% se autodeclararam pretos ou pardos. Nesse sentido, a expressiva presença do negro na periferia de Belém é nítida, de modo a confirmar estatisticamente a lógica segregadora da cidade.

Vale ressaltar que no Brasil, a autodeclaração racial é historicamente problemática em função do ideário cultural e o desejo de “branqueamento”. De acordo com Kabenlege Munanga, o racismo brasileiro é velado e oportuniza a propagação da democracia racial, a qual escamoteia a segregação étnica partindo da premissa da suposta equidade social. Nesse sentido, a identidade negra trata-se de uma questão política e



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

ideológica, subjetivando a problemática social refletidas nos dados censitários que dão base para este estudo.

“Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico.” (MUNANGA, 2004)



Figura 3 – Mapa Racial do bairro da Terra Firme.

Dessa forma, a soma de múltiplos fatores histórico-sociais supracitados, condicionam o negro a este recorte urbano marcado pelas mazelas sociais que as políticas públicas não têm efetividade. Na Terra Firme, os serviços básicos como saneamento, coleta regular de lixo e fornecimento de água inexistem ou são precários, caso de saúde



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

pública agravado na medida em que a prestação destes serviços elementares é compreendida como um bem econômico e não um direito legal.

“Os problemas socioambientais daqui são de todas as ordens, desemprego, moradia precária, insuficiência de saneamento básico, insuficiência de atendimento na unidade de saúde, por falta de equipe médica e agravo nas especialidades, falta de medicamentos básicos e tempo absurdo de espera pra uma consulta especializada, na saúde da família, ou seja, no atendimento em casa também precário, chegando a ficar meses sem o médico.” (informação escrita)⁵

A saúde da comunidade está diretamente relacionada a deficiência no saneamento básico. Sem acesso a serviços de abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo dos resíduos sólidos, os moradores da Terra firme têm uma exposição maior a doenças de veiculação hídrica. Estes problemas de saúde pública contribuem de modo direto na questão econômica, uma vez que diminuem o rendimento dos afetados no trabalho, escola e em outras atividades, favorecendo a vulnerabilidade social na região.

Belém está entre os piores índices de saneamento básico do Brasil, ocupa o 90º lugar no ranking feito pelo Instituto Trata Brasil (2017) para a realização do ranking foram analisados indicadores de atendimento de água, coleta e tratamento de esgotos. De acordo com estudo, apenas 1,46% do esgotamento sanitário é tratado e somente 12,8% da população está integrada na rede de esgoto da cidade, a outra parte é despejada em fossas sépticas, fossas rudimentares, rios e igarapés, correndo a céu aberto.

“Os problemas ambientais são grandes, lixo nas vias públicas, ausência de lixeiras, principalmente na feira, limpeza tardia da feira, o que muitas vezes a chuva chega primeiro, transportando o lixo para os bueiros, povo mal educado que joga lixo na rua, rio Tucunduba poluído pela falta de educação da população e descaso das autoridades.” (Informação escrita)⁶

⁵ Morador do bairro da Terra Firme, negro, 37 anos e atuante em movimentos sociais. Entrevista concedida às autoras. Belém, outubro, 2017.

⁶ Morador do bairro da Terra Firme, negro, 37 anos e atuante em movimentos sociais. Entrevista concedida às autoras. Belém, outubro, 2017.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

A ineficiência dos serviços básicos garantidos constitucionalmente, contribui para que a interação do bairro com a urbe seja insatisfatória. Além disso, o desigual direito à cidade experienciado pelos moradores da Terra Firme é potencializado na realidade do negro, destituído historicamente do acesso à educação, saúde e segurança de qualidade, as quais estão relacionadas entre si. Para Marx (1859), a violência é um produto sócio histórico das condições materiais de existência das classes pobres na sociedade burguesa e não uma simples questão de polícia peculiar de uma dada sociedade.

O crescimento da criminalidade nas áreas de exclusão e fácil controle dos que instituem a violência urbana, torna a Terra Firme um dos bairros mais perigosos de Belém. A ilegalidade na ocupação da região resultou num adensamento sem qualquer padrão urbanístico de traçado e alinhamento das ruas do bairro, produzindo “becos” e ruelas de difíceis acessos, onde a segurança pública não se faz presente e que favorece a atuação do crime. Sem a presença do Estado, o tráfico passa a assumir o domínio da localidade e estabelecer leis e limites, impondo suas estratégias de dominação político-econômica e apropriação simbólico-cultural (COUTO, 2010).

5. PROTAGONISMO NEGRO NA COMUNIDADE

Herança do secular sistema de escravização, o racismo no Brasil, diferentemente de outras realidades globais, é peculiar por ser velado e reforçado pela educação aos moldes eurocêntricos, que valoriza a cultura estrangeira dentro de uma lógica hierarquizante de raças. Dentro dessa correlação de forças, o negro permanece desfavorecido na medida em que a igualdade legal é puramente formalista e escamoteia as diferenças e relações de classes entre as pessoas.

A realidade adversa do negro que ocupa a periferia é reforçada, principalmente, pela inexpressiva representatividade formal, que não atende as demandas específicas, trabalhadas no decorrer do presente artigo. Nessa perspectiva, grupos sociais da região buscam a força representativa por meio de ações de engajamento no bairro da



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Terra Firme, de modo a afirmar pautas inerentes ao movimento negro e as questões da comunidade aliadas ao valor simbólico-afetivo que o *locus* possui, ainda que destituído de estruturas físicas básicas, sendo cenário de vivências pessoais.

“Sempre que possível estamos na luta na comunidade, no movimento popular ou cultural. Já atuamos a frente da Associação de Moradores Unidos na Luta que fica localizado na Rua Universal, lá atuamos junto com a comunidade pela melhoria do saneamento básico principalmente, nas questões que envovia o abastecimento de água e a revitalização do tucunduba. Também atuamos a frente da Rádio Comunitária Cidadania FM 88,7, no sentido da luta pela democratização da comunicação, pela cultura e pelas causas locais. Atuamos também no Movimento cultural através da Cultura do Boi Bumbá (no Boi Marronzinho), mais recentemente contribuimos na Primeira Conferência de Cultura do Bairro da Terra Firme. Além de outras histórias por aí.” (Informação escrita)⁷

Dessa forma, o valor da comunidade, em meio às dificuldades experienciadas no bairro, é estimado pela sensibilização da identidade e do sentimento de pertencimento.

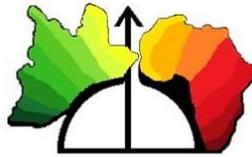
“Sou completamente apaixonada pela minha “terrosa” aqui tem toda o meu histórico de vida, me sinto muito bem morando aqui conheço os quatro cantos desse lugar maravilhoso, sou muito envolvida em tudo o que acontece no bairro seja considerado “bom” ou “ruim” participo de uma ONG que apoia pessoas com câncer, faço parte da PJ (pastoral da juventude), acompanho de perto da luta do grupo conhecido como “os prejudicados do tucunduba” que são os moradores que lutam de forma árdua pelo projeto da bacia do tucunduba.” (Informação escrita)⁸

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A urbanização na Amazônia, em Belém do Pará, reproduziu um modelo de cidade segregacionista, contemplando uma parcela da sociedade, sendo esta privilegiada socioeconomicamente, em detrimento do contingente populacional de baixa-renda. Ocupantes massivos do bairro periférico da Terra Firme, o negro e o papel que desempenha na sociedade e na comunidade são motivadores deste trabalho.

⁷ Morador do bairro da Terra Firme, negro, 37 anos e atuante em movimentos sociais. Entrevista concedida às autoras. Belém, outubro, 2017.

⁸ Moradora do bairro da Terra Firme, negra. Entrevista concedida às autoras. Belém, outubro, 2017.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Durante o processo da pesquisa, sob uma análise histórico-dialética, verificou-se a importância de discutir os percursos históricos do negro dentro da sociedade de classes, desde os tempos de escravidão aos atuais, de modo a justificar a desigual promoção de bens e serviços urbanos. Nesse sentido, a ocupação do bairro da Terra Firme é produto das relações de poder refletidas na configuração dos espaços urbanos.

No que tange a ocupação da cidade, o racismo é um fator determinante para que o bairro periférico de Belém aqui analisado seja majoritariamente ocupado por negros. Destituído de benefícios que o desfavorece no “ponto de partida” ao alcance de oportunidades, o negro vivencia o espaço urbano com precariedade e ineficiência dos serviços elementares, sendo principal alvo de mazelas sociais. Dessa forma, o conjunto de políticas públicas é ineficaz e não alcança as demandas das classes menos favorecidas economicamente.

Vale ressaltar que a exclusão do negro está imbricada na construção da cidade de Belém e é potencializada com a ausência do Estado, que, por meio de ações afirmativas, busca sanar a desigualdade social herdada do período escravocrata e reforçada pelos aparelhos ideológicos ao longo da história. Entretanto, no contexto democrático, ações paliativas tendem a cultivar os abismos sociais por não serem acompanhadas de um conjunto de intervenções, a começar pela promoção de serviços básicos, capaz de proporcionar o direito à dignidade da pessoa humana.

Portanto, os percursos da história conduzem à explicação da ocupação negra na periferia de Belém, observável em dados censitários. Apesar das adversidades vivenciadas, a resistência negra é histórica e contínua. A afirmação de sua identidade, a luta por direitos e a organização na comunidade reforçam o papel protagonista do negro na busca por espaços, físicos e não físicos, na sociedade.

Este estudo se propôs a analisar, dentro dos limites epistemológicos, a natureza da lógica segregadora da urbanização de Belém, com a clareza de que vários elementos



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

tangentes que permearam esta pesquisa são dignos de investigação sob a perspectiva do negro e não tão somente da voz dos “colonizadores”, de modo em que se afirme o valor da sua história e ancestralidade.

7. REFERÊNCIAS

BENTES, Nilma. **Negritando**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CORRÊA, R. L. (1987). **A periodização da rede urbana da Amazônia**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, pp. 39-68.

DERENJI, Jussara da Silveira. **Igrejas, palácios e palacetes de Belém** / Jorge Derenji e Jussara da Silveira Derenji. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes – Vol. I – O legado da raça branca**. FFCL/USP, 1964.

GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS; L&M, 2011.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p.30.

IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 11/10/2017. MARICATO, Ermínia. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil**. In: ARANTES, O. et al. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

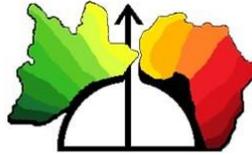
MARX, Karl. **População, Crime e Pauperismo**. In. Jornal Tribuna de Nova York. Nova York(EUA): NYDT, 1859.

MOREIRA, E. **Belém e sua expressão geográfica**. Belém, Imprensa Universitária, 1966.

MUNANGA, Kabenlege. 2004. Estud. Av. vol.18 no.50. São Paulo.

PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém – Estudo de Geografia Urbana. V. 1**. Belém: UFPA, 1968 (Coleção Amazônia – Série José Veríssimo).

PEREGRINO, Miriane. **Terra Firme: Cultura e resistência na periferia de Belém do Pará**. Rio de Janeiro: Agência de Notícias das Favelas, Rio de Janeiro, 31/12/2014. Disponível em <http://www.anf.org.br/terra-firme-cultura-e-resistencia-em-belem-do-para/>. Acesso em 28/09/2017.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

SANTOS, M. **Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método.** Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n.54, p.81-100, jun. 1977.